

Navegando pelos Açores — etnografias da circulação marítima antes da aviação

AMAYA SUMPSI*

A primeira ideia deste projeto de doutoramento e de documentário nasce de uma viagem realizada em setembro de 2016 entre as ilhas de São Miguel e do Faial a bordo do navio grego *Santorini*, embarcação fretada pela companhia pública Atlanticoline para transportar passageiros entre as nove ilhas dos Açores de maio a setembro. A viagem mais longa, de São Miguel às Flores, tem uma duração de 36 horas. Nós demoramos 16 horas na nossa travessia até ao Faial. Esta lentidão da viagem leva-nos a um outro tempo, a um outro ritmo antigo em que as horas parecem não passar. Sem nada para fazer, e com o olhar de antropólogo a que me habituei, comecei a observar com atenção os gestos, as conversas e as atitudes dos passageiros que habitam o navio durante a travessia. Sob o efeito da ondulação do mar, os corpos vão-se relaxando e as conversas também. Turistas e locais fazem do barco a sua casa e apropriam-se deste espaço, que uma vez foi luxuoso, para o transformar num acampamento improvisado, com sacos-cama e marmitas, rádios e guitarras, cartas e domínios. O barco é de facto um lugar de encontro humano, mas não só. Avistar cada uma das ilhas do mar é, de facto, uma experiência estética única, mas a calma que se instala durante a travessia interrompe-se bruscamente com o frenesim que supõe chegar a cada porto. O movimento intenso que se produz

* CRIA – Laboratório Associado (ISCTE), Portugal.
ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-1742-2918>. E-mail: amayasumpsi@gmail.com.

durante a passagem do *Santorini* pelas ilhas parece estabelecer uma coreografia que, seguindo as indicações da tripulação, cria uma dança-espetáculo na qual a insularidade se sente como em nenhum outro sítio. De facto, este tráfico marítimo intenso de barcos, portos, pessoas e objetos não acontece em mais nenhum lugar em Portugal. Quando o *Santorini* finalmente chegou ao Faial, tive a certeza de queria fazer um filme que documentasse a vivência destas viagens.

Contudo, ao partilhar esta ideia com amigos mais velhos dos Açores, percebeu-se que a reação natural era falarem da sua juventude, quando os navios eram o único meio de transporte possível entre ilhas e entre os Açores e o mundo. Nas conversas, quase sempre cheias de nostalgia e emoção, surgiam nomes de barcos, capitães, viagens, naufrágios, relatos de solidariedade, mas também de terror. Perante toda esta informação, decidiu-se então ampliar o projeto inicial, que era apenas um filme, e iniciar paralelamente uma tese de doutoramento em antropologia que trabalhasse simultaneamente o presente e o passado da circulação marítima deste arquipélago, pois a importância do fluxo de pessoas e bens nos Açores parecia ser uma parte da memória coletiva esquecida: os estudos sociais sobre o mar nos Açores giram sobretudo em torno à pesca e à baleação, mas é rara a etnografia que aborda o mar como meio de comunicação.

Partindo da importância do tema da circulação na antropologia contemporânea, desenvolvido sobretudo no âmbito das preocupações contemporâneas com a globalização, o projeto “Entre Ilhas”, desdobrado num filme documental e numa tese de doutoramento, visa contrariar a prioridade usualmente dada a modos maiores da circulação pelo acento em modos “menores” de mobilidade, centrando-se na análise da circulação marítima no Arquipélago dos Açores a partir da década de 40 do século passado até à atualidade. Vários historiadores e geógrafos resgataram a importância dos fluxos atlânticos para a constituição dos Açores (e.g. Dias 2008; Pereira 2003; ou Meneses 1997), mas estas abordagens, focadas em circuitos de circulação à escala global e nos fenómenos de migração, deixaram, entretanto, de lado escalas mais modestas, com destaque para a circulação entre ilhas e a circulação não migratória entre o arquipélago e o continente. No entanto, e apesar do acento colocado no isolamento dos Açores, existia, antes da implementação das conexões aéreas, uma intensa e dinâmica rede de contactos entre ilhas e com o continente, baseada no transporte marítimo de carga e passageiros, que demonstra que, apesar de todos os obstáculos existentes — a precariedade das embarcações, o mar alto do Atlântico, a falta de portos, a existência de múltiplas taxas e burocracias

marítimas —, os açorianos souberam sempre encontrar estratégias para ultrapassar o isolamento. Curiosamente, a análise destas estratégias coincidiu com o período de isolamento a que o mundo se viu obrigado por causa da recente pandemia mundial. A questão que se coloca é: o que é que podemos aprender quando olhamos para estes ilhéus, que conviveram por séculos com o isolamento imposto pela sua posição geográfica?

O projeto cinematográfico e antropológico “Entre ilhas” envolveu três anos de trabalho de campo e muitas horas de investigação, escrita, seleção de arquivos, filmagens e edição. No trabalho de campo, foram realizadas numerosas viagens a bordo dos navios de transporte de passageiros entre as 9 ilhas do arquipélago, e foram registadas mais de 60 entrevistas e conversas com açorianos provenientes de todas as ilhas, a maioria com mais de 50 anos, e muitos acima dos 75 anos. Entre os interlocutores das nove ilhas que foram entrevistados há passageiros da 1.^a classe, mas também da 3.^a, há capitães, marinheiros e despenseiros, há políticos e cabos-de-mar, músicos de bordo e caixeiros-viajantes¹. Quantas mais memórias eram recolhidas mais claro ficava o facto de que para estes ilhéus, o mar, longe de ser um espaço vazio (ou um não-lugar) que apenas separa as ilhas, tinha sido sempre um espaço social repleto de significados e memórias. Como diria numa das nossas conversas o professor Luís Nemésio Serpa, professor e antigo presidente da Câmara Municipal da Calheta de São Jorge, “o mar antes era realidade, era um terminal de comunicação; agora vão nadar, vão pescar, mas já não tem a mesma importância que tinha antes. Agora o mar é apenas um ato fictício”. Por outro lado, muitos dos entrevistados chamam a estes antigos navios “a décima ilha”, lugar onde as pessoas se encontravam e partilhavam uma experiência em comunidade. Em 1950, havia ainda poucas estradas nas ilhas, e o contacto entre fregueses muitas vezes só acontecia em alto mar, quando coincidiam numa viagem para fora da ilha ou do arquipélago. O barco era também um lugar de maior liberdade do que a terra, e muitos são os relatos daqueles que associam estas viagens aos seus primeiros contactos com a sexualidade. Era igualmente através destas viagens que se construíam muitos dos laços de afetividade e solidariedade entre os ilhéus: a bordo dos iates do Pico como o *Terra Alta* ou o *Santo Amaro*, ou dos

1 Infelizmente, muitos dos interlocutores que entrevistei morreram no intervalo entre as filmagens e a montagem, pondo de relevo a urgência deste registo, pois só através das histórias que estas pessoas contam consegue-se resgatar as memórias de uma navegação e de um tempo ao qual ainda não prestamos a devida atenção, talvez por ser tão próximo, e por não contar com a visibilidade que os processos de patrimonialização deram a outras atividades como a pesca e à baleação.

grandes vapores como o *Carvalho Araújo* ou o *Lima*, e ainda do icónico navio *Ponta Delgada*, cujo capitão, o Sr. Armando Soares, marcou com o seu carisma as nove ilhas, e cujo despenseiro, o Sr. Ferreira, ajudou numerosas famílias ao transportar ao seu cuidado medicamentos, animais, documentos, comida. As partidas e chegadas dos navios também marcaram o ritmo quotidiano das ilhas: o dia em que chegava o navio, conhecido como o dia de São Vapor, era, em ilhas como as Flores, o dia mais importante do mês. Era nesse dia que chegava o mundo a este recanto atlântico, e o açúcar. As despedidas nos portos pontuam também as memórias de cada uma das ilhas: especialmente marcante foram, por exemplo, as despedidas para a guerra de ultramar ou para a emigração, com choros e panos brancos a coreografar o mar.

O transporte marítimo de passageiros tem o seu papel na construção da identidade açoriana, ora como prática unificadora do arquipélago, ora como elemento diferenciador do Portugal continental, pois as viagens por mar estabelecem uma vivência do movimento e constroem um discurso e um olhar peculiar (Gibson 1986; Urry 2007). Na obra, *Corsário das Ilhas*, conjunto de crónicas de viagem escritas por Vitorino Nemésio durante dois regressos aos Açores, em 1946 e 1955 lê-se:

Não sou marinheiro, mas sou ilhéu e por tanto embarcado... Os navios que ancoravam no portinho da Praia, eram eles que nos davam a certeza de um mundo mais amplo e povoado; eles que traziam os estímulos e o anúncio das longitudes. (Nemésio 1956, 121)

O projeto “Entre ilhas” recolhe numerosas memórias e arquivos sobre esta intensa circulação marítima, nomeadamente antes da chegada do avião, que contrariam a ideia de imobilismo e isolamento profundo normalmente associada aos Açores. As ilhas não são, obrigatoriamente, lugares estáticos, isolados, dependentes, periféricos e imóveis, ou pelo menos não o são sempre com a mesma intensidade. A pesquisa desenvolvida neste sentido mostra que a geografia é em si uma narrativa performativa, em contínua mudança e reconfiguração. Por todos estes motivos, o projeto “Entre Ilhas” propõe uma nova abordagem aos Açores que desconstrua as dicotomias ilha/continente e terra/mar que tem dominado o discurso ocidental sobre as ilhas, sugerindo no seu lugar outras formas de olhar para este arquipélago.

Propõe-se, em primeiro lugar, deixar de abordar a ilha em oposição ao continente, colocando no centro da pesquisa a relação entre umas ilhas e outras: os arquipélagos não são apenas um conjunto de ilhas que convivem

lado a lado, mas antes um conjunto de espaços que atuam em concerto e que se reconfiguram permanentemente. Esta forma de pensar o espaço insular, conhecida no estudo das ilhas como *archipelagic thinking*, permitir-nos-á descolonizar a ilha, transportando-a das margens do mundo para o seu centro. Propõe-se, também, deixar de lado a dicotomia terra (como espaço social) e o mar (como espaço vazio), e passar a pensar nestes dois meios como um território social e identitário *continuum*. Voltar a nossa atenção para outras geografias pode ajudar: o geógrafo australiano Peter Hayward, por exemplo, cunha em 2012 o termo “Aquipélago” para designar as ilhas do Pacífico. Os Aquipélagos, em contraste com os arquipélagos, resultam da

combinação das paisagens terrestres e marinhas de um grupo de ilhas e constituem uma unidade social existente num local em que os espaços aquáticos entre e em torno de grupos de ilhas são utilizados e navegados de forma fundamentalmente interconectada e essencial à vivência das pessoas e aos seus sentimentos de identidade e pertença. (Hayward 2012, 3 e ss)

Em conversa com o atual diretor do Museu das Lajes do Pico, o Dr. Manuel Costa Júnior, este afirmaria: “nos Açores, o mar é essencial, a terra circunstancial”. Na sua famosa comunicação sobre a Açorianidade (1932), o próprio Vitorino Nemésio colocaria o açoriano num plano *continuum* de terra e mar, verbalizando, sem o saber, o equipélago dos Açores: “Com as sereias, temos uma dupla natureza: somos de carne e pedra. Os nossos ossos mergulham no mar”.



ENTRE ILHAS (2022)

Documentário/ 76' /Portugal

Realização, argumento e cinematografia:

Amaya Sumpssi

Assistente de Realização/Captação de

som: *Eduardo Ventura*

Captação de som adicional: *Inês Rodarte e*

Diana Diegues

Direção de Produção: *Diana Diegues*

Montagem de som e mistura: *Hugo Leitão*

Compositores: *Lucas e Carlos Medeiros, Luís Senra, Grupo Ronda das Nove, António Severino*

Edição: *Rita Figueiredo, Amaya Sumpssi, Pedro Gancho*

Produção Executiva: *Renata Sancho*

Produtora: *Cedro Plátano*

Distribuição: *Zero em Comportamento*

Apoios: *ICA, RTP, Governo dos Açores, Direção Regional da Cultura, Atlânticoline, Agecta, CRIA, Cedro Plátano.*

1 Ficha técnica e cartaz do documentário “Entre Ilhas” (2022), com fotografia cedida por Dieter Ludwig, que ilustra o transporte de um autocarro de carreira entre as ilhas do Faial e o Pico, em junho de 1979.

Sobre o filme:

<https://cedroplatano.pt/Entre-Ilhas>

<https://zeroemcomportamento.org/filmes/entre-ilhas/>

Trailer:

<https://youtu.be/h3Cw2TqDlSs>

Exibições:

Circuito Nacional:

Teatro Faialense (antestreia); Cinemateca Portuguesa (estreia); Cinema City Alvalade (circuito comercial); Cinema City Leiria (circuito comercial); Cinema City Setúbal (circuito comercial); Cinema Trindade – Porto (circuito comercial); Atlântida Cine – ilha de Santa Maria; Teatro Micaelense; Auditório Municipal das Lajes do Pico; Auditório da Escola Básica e Secundária de São Roque do Pico; Auditório Municipal da Madalena do Pico; Museu Francisco de Lacerda – Calheta, São Jorge; Auditório Municipal das Velas – São Jorge; Museu Marítimo de Ílhavo; Cineteatro João Verde – Monção; Cineteatro São

Brás de Alportel; Teatro Lethes – Faro. *Exibições confirmadas*: Escola Superior de Comunicação – Lisboa (junho 2023); Azores Burning – São Miguel (agosto 2023); Museu Manuel Arriaga – Faial (outubro 2023); Cinema Nós – Funchal (novembro 2023).

Circuito Internacional:

Kelíbia (Tunísia) – FIFAK-Festival International du Film de Kelíbia; Lorient (France) – Festival du Cinema Pecheurs du Monde; Zamora (Espanha) – Festival Internacional Etnovideográfica.

Nomeações/ Prémios/ Menções Honrosas:

Prémio ao melhor cartaz de cinema da Academia Portuguesa de Cinema (Sophia Mello Breyner 2023)

Nomeado ao melhor documentário em longa-metragem pela Academia Portuguesa de Cinema (Sophia Mello Breyner 2023)

Menção Honrosa prémio “Margot Dias e Benjamim Pereira”, Associação Portuguesa de Antropologia (2022)

Televisão:

Filme vendido à plataforma de vídeo *on-demand* TV Cine e à plataforma Filmin. Filme estreado na RTP1 no dia 17 de Março de 2025.

Bibliografia

- DIAS, Fátima Sequeira. 2008. *Os Açores na História de Portugal: Séculos XIX-XX*. Lisboa: Livros Horizonte.
- GIBSON, James Jerome. 1986. *The Ecological Approach to Visual Perception*. Boston, MA: Houghton Mifflin.
- HAYWARD, P. 2012. “Aquapelagos and aquapelagic assemblages: Towards an integrated study of island societies and marine environments”. *Shima* 6 (1): 1-11.
- MENESES, Avelino de Freitas de. 1997. “Os Açores na História do Atlântico: Sustentáculo da Aproximação dos Mundos e Acervo de Património Cultural Submarino”. Separata de *ARQUIPÉLAGO. HISTÓRIA*, 2ª série. Ponta Delgada.
- NEMÉSIO, Vitorino. 1986c [1932]. “Açorianidade”. *Vitorino Nemésio. Estudo e Antologia*, ed. M. Margarida Gouveia, 401-402. Lisboa: ICALP.
- NEMÉSIO, Vitorino. 1956. *Corsário das Ilhas*. Lisboa: Bertrand.
- PEREIRA, António S. 2003. “A Fronteira Líquida do Paraíso: Viagens no Atlântico entre o Mito e a Realidade”. *Beira 2*: 129-150.
- URRY, John. 2007. *Mobilities*. Malden, MA: Polity Press.